

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA - FANAP**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KEILA CRISTINA ALVES SANTANA**

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**APARECIDA DE GOIÂNIA – GOIÁS**

**2018/2**

**KEILA CRISTINA ALVES SANTANA**

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Keila Cristina Alves Santana à coordenação da Faculdade Nossa Senhora Aparecida – FANAP, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Wellington Cardoso De Oliveira

**APARECIDA DE GOIÂNIA – GOIÁS**

2018/2

## TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por

Keila Cristina Alves Santana

Trabalho de conclusão de curso apresentado no dia\_\_/\_/\_\_\_\_ como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia, tendo sido aprovado pela Banco Examinadora composta pelos docentes:

---

Professor(a): Dr. Wellington Cardoso De Oliveira

Orientador - FANAP

---

Professor(a): Ma. Carolina Machado Moreira

Leitor(a) - FANAP

---

Professor(a): Ma. Maria Nilvânia Damas Silva Lima

Leitor(a) - FANAP

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a Deus.

Ao professor Wellington Cardoso De Oliveira pela orientação e dedicação.

Agradeço aos meus professores que me guiaram e me ensinaram muito durante o curso.

Ao meu pai Jair José de Santana e meu esposo Jader Castelo Branco Paniz que sempre me incentivaram e me apoiaram nessa jornada.

Agradeço também minha filha Isabel Santana que esteve sempre ao meu lado.

E a todos que contribuíram para o meu aprendizado, não só profissional, mas também como ser humano.

## RESUMO

A busca constante pelas melhores maneiras de passar conhecimento é tão importante quanto o ato de ensinar. Um professor que ama a sua profissão de verdade está sempre descobrindo novas formas de transmitir seu conhecimento em prol da educação. Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância que a contação de histórias tem na vida de uma criança na Educação Infantil. Esta prática, quando bem aproveitada pelo educador, contribui de forma bastante significativa na vida estudantil da criança. A contação de histórias não deve ser utilizada com um meio de educar em si, mas sim como uma ferramenta de apoio aos professores que trabalham com crianças na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Literatura, Contação de histórias, Leitura.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Faixa etária e interesses da criança por histórias .....	23
Tabela 2 – Dicas de preparação para contar histórias .....	27

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	06
1 - LITERATURA INFANTIL .....	08
1.1 – O que é literatura.....	08
1.2 - O surgimento da literatura infantil .....	09
1.3 – Leitura e desenvolvimento do senso crítico na Educação Infantil .....	12
1.4 – Principais gêneros textuais na literatura infantil .....	14
1.4.1 – Fábula .....	14
1.4.2 – Apólogo .....	15
1.4.3 – Parábola .....	16
1.4.4 – Mito.....	17
1.4.5 – Lenda .....	18
1.4.6 – Conto.....	18
2 - A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS .....	19
2.1 - A importância das histórias .....	19
2.2 – A história adequada para cada faixa etária .....	22
2.3 – Técnicas de contação de histórias .....	24
2.4 - Dicas importantes para contação de histórias.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	29

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a contação de histórias, na Educação Infantil, vem demonstrando ser uma prática de fundamental importância para o processo de formação e desenvolvimento da criança. A história, quando usada adequadamente, leva a criança a desenvolver vários aspectos importantes de sua personalidade e que serão fundamentais para ela no futuro, tanto no meio familiar, como no meio profissional. É importante também saber que a contação de histórias não deve jamais ser utilizada como um único meio de ensino, uma única forma de educar, mas sim como um auxílio, um complemento à prática educativa.

A criança, ao ouvir uma história, libera seu pensamento, sua imaginação, começa a questionar, a duvidar. Esse processo é importante para o desenvolvimento de seu senso crítico, que é a capacidade que o ser humano tem de emitir opiniões, contradizer, sempre de maneira inteligente e racional. Outro ponto importante é que esta prática colabora para uma boa convivência entre a criança e o educador, pois sempre que ouve uma história, a criança, muitas vezes, curiosa por natureza, interage com o contador, melhorando o dia a dia em sala de aula.

Na Educação Infantil, quase sempre, a intenção do educador ao levar a literatura para a sala de aula é a de que a criança crie o hábito da leitura, tão importante para sua formação. Porém, para que isto aconteça realmente, o professor precisa ter um bom planejamento, possuir o conhecimento literário necessário, além de conhecer técnicas de contação de histórias adequadas para cada idade e situação. Sendo assim, ele terá mais facilidade para alcançar os seus objetivos em sala de aula.

A leitura é uma ótima fonte de lazer, de conhecimento, e como tal, não deve jamais ser desprezada. Não deve ser estimulada apenas em sala de aula. Cabe aos pais, também, incentivar seus filhos. Ensinar não é uma atribuição apenas do educador, mas também da família.

A literatura infantil surgiu no final do século XVII, uma época em que a criança não era vista como um ser diferente do adulto. Todos os aspectos da vida de um adulto, eram os aspectos da vida de uma criança. Não havia separação. Foi

então que vários estudiosos e educadores daquela época perceberam a necessidade de criar uma literatura voltada para o público infantil. Perceberam tarde, mas perceberam.

Uma criança não tem o mesmo conhecimento de mundo de um adulto. A criança não possui as mesmas necessidades e interesses destes. Tudo tem seu tempo e sua hora. É necessário que suas histórias obedeçam certos critérios que possibilitem a construção de seu conhecimento no momento certo. Como dito antes, a contação de histórias tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, e por isso, jamais deve ser utilizada sem critérios, sem um contexto adequado. Esta prática pedagógica deve ser utilizada no momento certo e, assim, todos os seus benefícios para a construção do conhecimento do aluno serão alcançados. No caminho da criança em busca da aprendizagem, o professor, como mediador, tem em seu papel uma grande importância.

Esta pesquisa tem, como objetivo principal, apresentar um pouco da história da Literatura Infantil e seu surgimento, analisar como a contação de histórias estimula e colabora para o desenvolvimento da criança, e também compreender que um bom planejamento é fundamental para se obter êxito em sala de aula.

Este trabalho se justifica pela necessidade de se apresentar a importância da contação de histórias no processo de desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil. Diante disso, mostra-se fundamental aprofundar-se mais sobre o tema, contribuindo, assim, para uma ação pedagógica mais efetiva.

Nesta pesquisa, como embasamento teórico, foram analisadas obras de vários autores renomados sobre o tema em questão. A teoria de tais autores contribui significativamente para o entendimento do assunto.

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho será a pesquisa bibliográfica, também chamada de fontes secundárias, pois esta permite colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi publicado sobre determinado tema, dando-lhe uma base segura e confiável de informações.

## 1 – LITERATURA INFANTIL

### 1.1 – O que é literatura

Antes de mais nada, é importante saber que a literatura é uma arte, assim como o teatro, a dança, a música, a pintura etc. A literatura é uma manifestação artística do ser humano que utiliza a palavra como sua matéria-prima. A literatura é a arte da palavra e a utiliza como seu principal objeto. De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 470): “1 - Arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2 - O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época”. A palavra literatura vem do latim “litteris”, que significa “letras”. Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem.

Sintetizando, pode-se dizer que a literatura é uma manifestação artística que utiliza a palavra como instrumento, que tem como objetivo o entretenimento do leitor, apresenta a função poética de linguagem, ou seja, quem escreve está preocupado com a construção dos sentidos das palavras, pois cada uma pode passar um significado importante, além de refletir a cultura vivida em determinada época.

De acordo com Lajolo (1989, p. 16), “o finalmente é que a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social.” A autora ainda iguala a literatura a qualquer produto produzido e consumido nos moldes capitalistas, ou seja, há quem produza, e também há quem a consuma.

Na verdade, não existe um consenso sobre o conceito de literatura. Passaram-se séculos e as respostas para essa questão em dadas épocas nunca foram definitivas, pois de acordo com a época, surgem novos conceitos. Há quem diga que literatura é tudo o que se escreve.

Mas não é bem assim. Existem alguns critérios para que uma obra seja considerada literária. Uma obra literária tem como objetivo entreter o leitor. São textos narrativos e poéticos. Estas obras são escritas de acordo com a vontade e imaginação do autor, por isso são subjetivos. Elas também procuram causar emoção no leitor, utilizam palavras conotativas (sentido figurado). É muito comum na construção de textos literários o uso das funções de linguagem. Outra característica

importante é que, normalmente, são obras de ficção e utilizam elementos como a metáfora e o simbolismo. Como exemplo podem-se citar: poesias, novelas, histórias, drama etc. Já uma obra não-literária tem a função apenas de informar, convencer, explicar. Também não possuem os mesmos elementos narrativos e poéticos de uma obra literária. São textos objetivos e suas mensagens devem ser fáceis de se compreender. Utilizam a gramática normativa e também a linguagem denotativa (sentido literal). Exemplos: livros didáticos, receitas, notícias etc.

De acordo com Lajolo:

O mundo da literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível. Esta afirmação não tem nada de novo. Já Aristóteles, respondendo a Platão, dizia que, enquanto a história narrava o que realmente tinha acontecido, o que podia acontecer ficava por conta da literatura. (1989, p. 45)

De acordo com o exposto pela autora, pode-se dizer que uma obra literária não tem, necessariamente, compromisso com a verdade, com fatos reais. Como dito antes, é uma obra de entretenimento que é criada conforme a criatividade e imaginação do autor.

## **1.2 – O surgimento da literatura infantil**

A história da literatura infantil não é antiga. Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e início do século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas. A criança acompanhava a vida do adulto, participando também de sua literatura. Existiam, então, dois tipos de crianças: as crianças da nobreza e de classes menos privilegiadas. Elas tinham acesso a uma literatura totalmente diferente. Enquanto as da nobreza liam grandes clássicos, as mais pobres liam ou ouviam histórias de cavalaria, aventura.

De acordo com Zilberman (2003, p. 15), “a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna.”

A literatura infantil surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança. A partir de então, esta passou a ser considerada um ser com necessidades e características próprias, diferente do adulto. Percebeu-se a

necessidade de se preparar a criança para a vida adulta, dando a ela uma educação especial, mais condizente com a sua idade.

A respeito dessa nova forma de ver a criança:

a mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Conforme aponta Zilberman (2003, p. 16), alguns acontecimentos na Idade Moderna que foram consolidados no século XVIII contribuíram para o surgimento de modalidades culturais como a escola, com seu modelo atual, e o gênero literário voltado ao jovem. Esses acontecimentos foram respectivamente: a decadência do feudalismo e seus princípios, e a ascensão da burguesia, que defendia uma estrutura familiar privada e mais dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno. Sendo assim, fica nítida a estreita ligação entre o surgimento da literatura infantil e ascensão da burguesia:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Foi a partir do advento da infância e sua valorização como faixa etária diferente que surgiu a literatura infantil. A criança passa a ser considerada o alicerce sobre o qual se organiza a família. Dessa forma, os pais passam a ter como responsabilidade permitir que o filho atinja a maioridade de maneira saudável e madura. Essa nova forma de pensar, que era incomum na época para as classes médias, passa a fazer parte também de seu cotidiano.

A partir dessa série de acontecimentos e, conseqüentemente, o surgimento de uma nova forma de se organizar a família e enxergar a criança, a literatura infantil emerge como um instrumento para a Pedagogia, pois grandes educadores da época assumem a responsabilidade de criar uma literatura voltada para crianças e jovens

e, portanto, contribuindo também para uma nova forma de se estruturar a escola. Fica evidenciada, então, a estreita ligação da literatura infantil com a Pedagogia.

Já no Brasil, de acordo com Cunha (1999), a literatura infantil teve início com obras pedagógicas e eram adaptações de obras portuguesas, mostrando a dependência típica das colônias.

Essa fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (Contos seletos das mil e umas noites, Robinson Crusoé, As viagens de Guliver a terras desconhecidas), Figueiredo Pimentel (Contos da carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales de Andrade (Saudade). (CUNHA, 1999, p. 23).

A verdadeira literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato. A esse respeito, Cunha declara:

Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem a unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-Pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó. (CUNHA, 1999, p. 24).

Além de ter escrito obras didáticas, Lobato escreveu obras que exploraram o folclore e a imaginação. Algumas vezes, ele reaproveitava personagens e elementos da literatura infantil tradicional, outras vezes não. Suas obras tinham como características alguns questionamentos e preocupações intelectuais como problemas nacionais e até mundiais. Lobato fez também grandes adaptações de contos de fadas e de obras como Peter Pan e Pinóquio. Ele abriu caminho para vários escritos talentosos que vêm criando obras voltadas para o público infantil.

E nesse sítio, aonde chegam almirantes ingleses, anjinhos caídos do céu, Saci ou Peter Pan, a fantasia e a realidade se misturam o tempo, na maior das brincadeiras e gostosuras... A lógica que impera no sítio não é a do adulto, mas lá o adulto entra no jogo da criança e se discute a História do mundo, se vive a mitologia grega, se debate o petróleo brasileiro, se analisa a moral das fábulas, se tenta uma reforma da natureza, se recebem todas as personagens dos contos de fadas... Essa mistura fantástica, maravilhosa, de realidade e fantasia, de brincadeira vivida e escutada, de bichos que falam sabiamente, de sabugos que fazem conferências e experimentos científicos, é mais do que surpreendente ou humorada... é a própria essência do humor. (ABRAMOVICH, 1999, p. 61).

Como apontado por Cunha, devido à sua consciência social, Lobato, ao escrever, tinha um cuidado especial com o destinatário de suas obras. Ele sabia que suas obras atingiam tanto as crianças, sujeito em formação, quanto adultos, sujeito

com preconceitos enraizados. Para Lobato, não existia um muro que separasse assuntos de crianças e adultos, pois as atitudes destes refletiam naquelas. Para ele, a criança era suficientemente inteligente para assimilar qualquer conteúdo, desde que escrito em uma linguagem adequada à sua condição.

### **1.3 – Leitura e desenvolvimento do senso crítico na Educação Infantil**

A prática da leitura é um dos processos mais importantes para a formação da criança na Educação Infantil. Ao ler, a criança vivencia emoções, fantasias, e dessa forma, amplia sua visão de mundo e seu senso crítico. O educador exerce um papel importante como mediador dessa prática, pois é o responsável por estimular e inserir essa prática no dia a dia da criança na escola. Porém, é importante esclarecer que a função de educar não é exclusiva do professor. A família tem o papel de complementar em casa a educação recebida pela criança na escola.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI - (1998, p. 143), quando a criança ainda não sabe ler, ela pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor. Mesmo que a criança não consiga decifrar algumas palavras, ouvir um texto é uma forma de leitura.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI - (1998, p. 143):

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (p. 143).

A criança precisa ter acesso a uma boa literatura, pois assim, ela disporá de uma vasta fonte informação cultural que alimentará a sua imaginação e, conseqüentemente, despertará nela o prazer pela leitura, mas nem sempre é isso o que acontece.

Desde que a literatura infantil foi incorporada em sala de aula, normalmente, cria-se uma ideia de que todas as crianças, com certeza, passarão a ler. Isso, absolutamente, não é verdade. Essa noção até poderia se tornar uma realidade, mas para isso, a leitura deveria ser acompanhada da noção de prazer, e não de dever, obrigação, uma tarefa a ser cumprida mediante prazos. Outro ponto importante é que, normalmente, o livro não é escolhido pelo aluno, mas sim indicado pelo professor. Conforme aponta Abramovich:

Como uma única e mesma história pode interessar a toda uma classe? Como imaginar que haja uma identificação geral – de meninos e meninas – todinhos preocupados com o mesmo problema? E todos interessados num determinado gênero literário, previsto como fonte única de prazer para aquele mês do ano? (ABRAMOVICH, 1999, p. 140).

Ainda de acordo com Abramovich (1999), mesmo que existam algumas escolas mais democráticas que dão ao aluno o direito de escolher entre alguns títulos, não se sabe os critérios reais utilizados para essa seleção ou o porquê de não dar ao aluno o direito de escolher o que realmente gostaria de ler. Seria uma ótima forma de estimular o aluno a ampliar seus horizontes em busca de conhecimento. É certo que para isso, o professor teria que conhecer muito mais livros, porém muitos não estão dispostos ou não têm tempo suficiente.

Conforme Abramovich (1999, p. 140),

Porque, de verdade, a professora trabalha com um leque muito estreito de alternativas... conhece pouco de literatura infantil, em geral aqueles livros que as editoras enviam para sua casa / escola ou aqueles cujos autores estão mais dispostos a divulgar seu trabalho.

O que, muitas vezes, acaba acontecendo é a indicação de autores não tão importantes e desinteressantes, desestimulando ainda mais o leitor. É praticamente impossível fazer com que os alunos estabeleçam uma boa relação com a literatura trabalhando dessa forma. O que pode-se fazer é propor ao aluno a escolha de livros que estejam realmente de acordo com sua vontade, busca ou aflição.

Muitas vezes, estes textos são indicados, por exemplo, como pretexto para estudar gramática. Na verdade, desviam-se completamente do objetivo fundamental que é tornar a leitura uma fonte de prazer, de desenvolvimento. É muito importante que a escola crie condições, juntamente com o educador, para que erros como esses não sejam cometidos.

Quando uma criança lê uma história, ela começa a desenvolver seu potencial crítico, pois ela pensa, duvida, pergunta. Muitas vezes, se sente inquieta, instigada e, dessa forma, começa a querer saber mais e até mesmo mudar de opinião.

Muito importante para o professor é saber se o aluno gostou ou não, se concordou ou não, com a história que foi contada ou lida.

É perceber que ficou super-envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho...) ou saber que detestou e não querer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça... (ABRAMOVICH, 1999, p. 143).

Dessa forma, a criança começa a formar sua própria opinião, estabelecendo seus próprios critérios de escolha. Muitas vezes, começa a gostar de algum autor, gênero ou assunto, e conseqüentemente, vai em busca de novos volumes.

Como já dito anteriormente, a leitura promove inúmeros benefícios. A criança que lê melhora suas habilidades intelectuais e de comunicação. Isto será muito importante para seu crescimento e manutenção de relações adquiridas durante a vida.

#### **1.4 – Principais gêneros textuais na literatura infantil**

Devido à designação “infantil”, esta arte literária ainda é considerada por alguns como uma literatura menor. Porém, possui um campo riquíssimo de criação. Existem muitos temas e gêneros envolvidos nas histórias. Quando um autor se propõe a escrever para adultos, ele escolhe a melhor forma de contar essa história, assim é também com a literatura infantil.

Os gêneros da literatura infantil podem representar a realidade, mesmo que imaginária, de várias formas. Vamos às principais características dos gêneros mais empregados na produção literária para crianças:

##### **1.4.1 - Fábula**

A fábula é um dos gêneros da literatura infantil mais conhecido. De acordo com Coelho (1981, p. 115), “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação

vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade.”

Considerando-se o que a história mostra, foi a primeira espécie narrativa a aparecer. Nascido no oriente, foi reinventado e aperfeiçoado séculos mais tarde no ocidente. A característica principal que difere a fábula dos demais gêneros é a presença do animal, que é colocado numa situação humana e exemplar. Suas personagens são simbólicas (o leão, símbolo da força, majestade, poder; a raposa, símbolo da astúcia).

A fábula:

É das raras formas literárias cujas origens se perdem no tempo e que conseguiram resistir até os nossos dias, vivas, sem perderem suas características essenciais: ser uma história de animais, que “prefiguram” os homens; divertir o leitor e ter uma moralidade. (COELHO, 1981, p. 115).

Pelo fato das fábulas criticarem usos, costumes e até pessoas da época, os autores tinham o costume de usar animais como personagens evitando possíveis perseguições.

A fábula é um gênero textual muito versátil, pois permite várias formas de se explorar um assunto. Tem grande importância para as crianças, permitindo que elas sejam instruídas pela moralidade contida nela. Algumas das fábulas mais conhecidas são: a lebre e a tartaruga, a cigarra e a formiga, o leão e o rato etc.

Sobre a fábula “a cigarra e a formiga”, percebe-se claramente a moral que ela passa. Pessoas que não pensam no futuro, vivem o hoje como se não houvesse o amanhã.

#### **1.4.2 - Apólogo**

O apólogo é bem parecido com a fábula, porém traz em seu conteúdo seres inanimados, sem vida e possui também uma moral no fim.

Pode-se citar o apólogo de Machado de Assis: “A agulha e o novelo de linha.”

Sobre este gênero:

É a narrativa breve de uma situação vivida por seres inanimados ou melhor, sem vida animal ou humana (por exemplo, objetos ou elementos da natureza...) que, ali, adquirem vida e que aludem a situação exemplar para os homens. (“O sol e o vento”, “O carvalho e a cana” de La Fontaine). Normalmente, o apólogo tem como personagens, seres que ali adquirem valor metafórico. Isto é, não são símbolos como acontece com as personagens da fábula. (COELHO, 1981, p. 117).

Como visto, de acordo com a autora, o apólogo, normalmente, traz alguns ensinamentos de vida semelhantes a situações reais. Tem como escopo atingir certos conceitos da sociedade de maneira que as pessoas possam se conscientizar e mudem suas formas de pensar e ajam diferente.

No apólogo “O carvalho e a cana”, citado pela autora, podemos ver esses elementos, uma vez que se conta uma breve história de um carvalho que desdenhava da cana, por ser mais forte e imponente. Porém, bastou um vento muito forte para que o arrancasse do chão e o levasse para bem longe. A cana, mais fina, se contorceu toda com o forte vento, mas resistiu e depois de tudo ficou intacta no mesmo lugar. Moral da história: nunca menospreze quem é mais fraco do que você, pois até o vento pode te derrubar.

### 1.4.3 - Parábola

É uma narrativa que utiliza situações e pessoas comparando a ficção com a realidade, e através dessa analogia transmite uma lição de sabedoria. Sempre traz uma lição ética através de uma linguagem simbólica e é protagonizada por seres humanos. Na Bíblia, é um gênero muito comum. Pode-se citar como exemplos as parábolas de Jesus.

A parábola (= comparação, similitude) é a narrativa breve de uma situação vivida por seres humanos (ou por humanos e animais), da qual se deduz, por comparação, um ensinamento moral. A parábola foi muito cultivada pelos povos semitas, sendo a Bíblia uma de suas fontes mais ricas. (“O homem e a cobra”, “O carreteiro atolado” de La Fontaine). (COELHO, 1981, p. 117).

Como uma lição de sabedoria, pode-se citar a parábola da “viúva pobre”. A história conta que estava Jesus em um templo junto com seus discípulos. Eles observavam as pessoas que entravam e colocavam suas ofertas gordas dentro da arca do tesouro. Porém, entrou uma viúva pobre e depositou ali dentro apenas duas

moedas. Jesus vendo isto disse que, de todas as pessoas que ali depositaram suas moedas, quem mais agradou a Deus foi a viúva, pois ela deu tudo o que tinha e foi de coração, enquanto os outros davam apenas o que sobrava e não era uma atitude de coração, queriam realmente chamar a atenção. Mais uma vez, é fácil perceber o ensinamento que é passado. Como diz Coelho (1981), uma situação vivida por seres humanos, que faz uma comparação, passa uma moral, além de ser uma narrativa breve.

#### **1.4.4 - Mito**

É uma narrativa atemporal. Este gênero tenta explicar, por exemplo, a criação do mundo. Normalmente, as situações ou fenômenos que não se podem explicar, em que o sobrenatural impera, são narradas através deste gênero.

Sua origem perde-se no princípio dos tempo. São narrativas tão antigas quanto o próprio homem; e nos falam de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações onde o sobrenatural domina. Os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: a genealogia dos deuses, a criação do mundo e do homem, a explicação mágica das forças da natureza, etc. (COELHO, 1981, p. 118).

Ainda de acordo com Coelho (1981, p. 118), a história e o mito caminham juntos, e um tenta explicar o outro. O mito, que é construído pela imaginação dos homens, responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, ou seja, o que a inteligência humana não consegue explicar.

Como apontado por Coelho (1981), o mito tem estreita ligação com o pensamento religioso, isto é, a consciência do homem de que existe um ser superior absoluto que tudo explica e justifica. São algumas questões que não foram respondidas na época, e muitas até hoje, que se justificavam no mito. Por exemplo: a força da natureza, o nascimento e a morte, por que existimos nesse mundo etc. Como são perguntas que não têm respostas, só o pensamento religioso e filosófico podem responder através da intuição, da fé ou da abstração.

A criação do mito foi uma necessidade do homem naquela época. O mito transmitia conhecimentos para as pessoas, mesmo que fossem conhecimentos que não se poderiam explicar. Podemos citar como exemplo de mito: os deuses da mitologia grega.

### 1.4.5 - Lenda

A lenda tem origem histórica e, normalmente, deriva da criação do povo. É uma forma narrativa antiquíssima, geralmente breve, em verso ou prosa, cujo argumento é tirado da tradição. Conforme Coelho (1981, p. 120):

Nosso folclore é bastante rico em lendas e uma pesquisa séria a respeito revelará caminhos extremamente fecundos para uma nova literatura infantil brasileira. Muitas lendas já têm sido aproveitadas pelos escritores, tais como: a da Mãe d'Água (que pertence ao ciclo europeu da sereia e ainda tem aspectos inexplorados...); a da Mãe-da-Lua; da Cobra Grande; da Mula-sem-Cabeça; do Boto; do Curupira ou caapora; Cainamé, etc., etc.

Como as lendas são derivadas da criação do povo, podem ter versões um pouco diferentes, pois são modificadas através da imaginação das pessoas. Há uma mistura de fatos reais e imaginários. Tenta explicar mistérios e fenômenos sobrenaturais. A lenda faz parte da cultura de um povo.

Uma lenda interessante citada por Cunha (1981) é a do boto cor-de-rosa. Diz a lenda que nas noites de festas o boto sai do rio e se transforma em um belo homem. Usando um chapéu branco vai às festas e seduz as mulheres solteiras. Usando seu encantamento, convida as moças para um mergulho no fundo do rio e lá as engravida. Na manhã seguinte, volta a se transformar no boto, pois seu encantamento só acontece durante a noite. Na região Norte do país, normalmente, quando aparece uma mãe solteira e não se sabe quem é o pai, eles dizem que o filho é do boto. É claro que é uma brincadeira e faz parte da tradição daquela região.

### 1.4.6 - Conto

O conto é uma narrativa de ficcional. Através dele se criam seres da ficção, da fantasia ou da imaginação. De acordo com Coelho (1981, p. 121):

Entre as formas literárias mais importantes, vindas dos tempos remotos, e que transformaram a literatura infantil, estão os contos maravilhosos e os contos de fadas. Essas denominações geralmente são usadas como equivalentes. Na verdade, podemos dizer que todo conto de fada é um conto "maravilhoso", mas este nem sempre é um conto de "fada". Ambos são por vezes chamados de contos de encantamento.

Coelho (1981) diz que o conto maravilhoso é uma narrativa que ocorre em um lugar irreal. Seus fenômenos não obedecem às leis da natureza que nos imperam. Esses contos decorrem do mundo da magia, da fantasia ou do sonho.

Suas narrativas possuem castelos, palácios, flores e bosques encantados. Possuem também reis e rainhas bons ou maus, princesas infelizes e príncipes heróis. Suas histórias são contadas, normalmente, através de aventuras.

Já na área do tradicional, existe o conto de fadas. Se existe uma personagem há séculos, mesmo com algumas mudanças, que atrai tanto adultos como crianças é a fada. A fada é pertencente à área do mito e ocupa um lugar especial na vida das crianças ou dos que se encantam com suas histórias; ela traz em si a possibilidade da realização de sonhos que são ligados à condição humana.

Ainda conforme aponta Coelho (1981), são histórias bem antigas que foram passadas de boca a boca, de geração a geração. Tem uma estrutura simples e fixa. Normalmente, no início de sua história: “era uma vez...”, e no fim: “foram felizes para sempre”. Existe também uma ordem em sua estrutura narrativa. No início tudo está em equilíbrio, depois vem uma situação perturbadora que causa uma instabilidade na história, surgem vários conflitos, aparece uma força maior que reestabelece a ordem novamente. Apesar de existirem personagens do bem e do mal, no final, o bem sempre vence.

## **2 – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

### **2.1 - A importância das histórias**

A contação de histórias, quando bem utilizada em sala de aula, leva a criança a desenvolver a imaginação, a criatividade e a trabalhar habilidades já existentes, além de ajudar no desenvolvimento de novas. Também ajuda a melhorar a sua oralidade e escrita. Não há dúvidas que essa atividade enriquece a Educação Infantil, pois contribui de forma significativa para a formação da criança.

Em um mundo globalizado, onde cada vez mais a tecnologia está ocupando o espaço dos meios tradicionais de ensino e, dessa forma, deixando o processo ensino-aprendizagem, por muitas vezes, robotizado, é necessário apresentar a relevância da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil.

De acordo com Abramovich (1999), do ponto de vista do ouvinte, a história deve despertar a imaginação de quem a escuta. No caso da criança, ouvir histórias aguça a sua criatividade e a leva a um caminho infinito de descoberta e compreensão do mundo. A autora ainda escreve que

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (ABRAMOVICH, 1999, p.24)

Ouvir muitas e muitas histórias é muito importante para a formação de qualquer criança. Ouvindo histórias, a criança sente muitas emoções como: tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, dúvida etc. Essa mistura de sentimentos faz com que a criança viva profundamente tudo o que a narrativa provoca, além de instigá-la a pegar um livro e começar a lê-lo.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar.... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião.... [...]. (ABRAMOVICH, 1999, p. 143)

Porém, é necessário saber que esta prática educativa, a contação de histórias, só terá efeitos positivos na formação da criança se o narrador possuir, além das habilidades necessárias, a capacidade de envolver a criança e, dessa maneira, levá-la às descobertas que são de extrema importância nessa fase de sua vida, além de colaborar para uma melhor participação e interação com o educador em sala de aula.

Devido à sua relevância para a Educação Infantil, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso de uma narrativa depende da elaboração de um bom plano e roteiro. Esse planejamento permite ao narrador transformar improvisado em técnica e unir a teoria à prática. Dessa forma, o narrador terá mais segurança e naturalidade, melhorando o seu desempenho.

De acordo com Coelho (1997, p. 50), “contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente aliás em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças.” Conforme exposto,

a contação de histórias é uma arte que requer certo talento inato. De acordo com a autora, algumas técnicas podem ser aprimoradas ao longo do tempo, ou seja, com a prática, certas habilidades podem ser estimuladas e desenvolvidas.

Outro ponto que precisa ser levado em consideração é que o narrador precisa estar consciente da mensagem que pretende levar à criança. Dependendo da idade do pequeno, a história precisa passar o ensinamento adequado à sua condição. Conforme Coelho (1997, p. 50), uma história deve ser contada com naturalidade. As palavras devem fluir. É certo que naturalidade depende de segurança, e segurança só se adquire conhecendo realmente a história. Contar com naturalidade significa ser simples, sem ser artificial.

Ainda de acordo com Coelho (1997, p. 50), “as emoções se transmitem pela voz, principal instrumento do narrador”. Para que se desperte o interesse nas crianças, é importante que o enredo seja contado com interesse e entusiasmo. Dessa forma, cria-se de imediato uma sintonia com os ouvintes. De acordo com o que está sendo contado, o contador de histórias deve saber modular sua voz considerando a intensidade e clareza. A intensidade varia em razão da distância do narrador e do ouvinte. Também pode variar conforme a emoção que o contador quer passar. Já em relação à clareza, não se pode esquecer que a história está sendo contada para criança, portanto não se deve utilizar uma linguagem difícil de ser compreendida pelos pequenos, pois pode despertar-lhes o desinteresse.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1999, p. 16)

Um professor que trabalha na Educação Infantil tem consciência da importância desse período escolar para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, ele deve utilizar todos os meios que estão a seu alcance para tornar suas aulas mais interessantes e produtivas, do ponto de vista da criança. A contação de histórias, para que possa contribuir, efetivamente, para a formação da criança, não deve ser utilizada como um meio de ensino único e exclusivo, mas sim, como um instrumento auxiliar à prática do ensino.

## 2.2 – A história adequada para cada faixa etária

Devido à importância que a contação de histórias tem para formação do senso crítico da criança, é preciso escolher corretamente qual história contar. “Naturalmente, é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas”. (COELHO, 1997, p. 13).

Ainda de acordo com a autora, este é um dos passos mais demorados. Muitas vezes o educador gasta algum tempo pesquisando livros e revistas até encontrar a história adequada à faixa etária e que atenda aos interesses dos ouvintes e ao objetivo específico que a ocasião requer.

Outro ponto importante é que a história deve ser de interesse do contador também. O educador não pode escolher uma história que não gosta. Se a história não despertar alguma sensibilidade ou emoção para o contador, para ele não será possível transmitir esses sentimentos para os ouvintes. “Quando me interpelam nos cursos de treinamento dizendo: Não gosto de contar histórias tristes, que devo fazer? A resposta óbvia é: Não as conte. Escolha o que gosta de contar”. (COELHO, 1997, p. 14).

Como citado anteriormente, existem alguns indicadores que auxiliam na escolha da história: o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas. Dentre esses indicadores, o que mais se destaca e deve ser levado em consideração é a faixa etária do ouvinte.

A narrativa para crianças pequenas deve possuir muitos detalhes que proporcionem riqueza de imaginação e também devem agradá-las. Deve ser utilizada uma linguagem simples, sem vulgaridade e evitar o uso de palavras rebuscadas, ou seja, é necessário respeitar as peculiaridades das crianças e também o seu estágio emocional.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 1997, p. 14,15).

A tabela abaixo apresenta o tipo de história que deve ser contada de acordo com a faixa etária e interesse da criança:

**Tabela 1- Faixa etária e interesses da criança por histórias**

Pré-escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica	- histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados).
	3 a 6 anos: fase mágica	- histórias de crianças. - histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.). - histórias de fadas.
Escolares	7 anos	- histórias de crianças, animais e encantamento. - aventuras no ambiente próximo: família, comunidade. - histórias de fadas.
	8 anos	- histórias de fadas com enredo mais elaborado. - histórias humorísticas.
	9 anos	- histórias de fadas. - histórias vinculadas a realidade.
	10 anos em diante	- aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções. - fábulas, mitos e lendas.

Fonte: COELHO (1997, p. 15)

Conforme observado na tabela acima, de acordo com Coelho (1997, p. 15), a faixa etária é dividida em duas: pré-escolares e escolares. Na pré-escolar ainda existe uma subdivisão: fase pré-mágica e mágica. Na fase pré-mágica, como são crianças muito pequenas, as histórias contadas devem ser simples e atraentes. Devem também possuir situações do dia a dia da criança: família, amiguinhos, brinquedos, animais de estimação, etc.). Já na fase mágica, a criança já cresceu um pouco e a sua imaginação começa a criar. Pode-se observar isso quando uma criança está brincando e conversando sozinha ao telefone, imitando bichinhos e até mesmo conversando com um amiguinho imaginário. Nesta fase, normalmente a criança solicita a mesma história várias vezes, e sempre com o mesmo interesse e satisfação.

É a fase do “conte de novo”, “conte outra vez”. Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade; nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrade. Relê. Revê. O prazer se renova. (COELHO, 1997, p. 16).

Algumas crianças se desenvolvem mais rapidamente que outras, não se exigindo, necessariamente, nenhuma rigidez quanto à classificação etária elaborada pela autora. Conforme a criança vai crescendo e seu vocabulário evoluindo, ela passa a exigir histórias com enredos mais longos e que possuem uma linguagem mais elaborada. Outros tipos de assuntos começam a ficar interessantes. “Evidentemente, não há rigidez nessa classificação, pois cada criança cresce com seu ritmo próprio”. (COELHO, 1997, p. 16).

Um fato muito recorrente no cotidiano e que deve ser tratado com muito cuidado é o caso de crianças que requerem uma atenção especial, como por exemplo, uma criança enferma, com deficiência visual ou com deficiência mental.

Conheci uma menina de quatro anos, vítima de um tumor maligno, em tratamento num hospital próximo à biblioteca infantil. Seu pai a levava todas as tardes para ouvir histórias – era sua única distração. Entretanto, no meio dos companheiros sadios, ninguém percebia a gravidade de seu estado – porque seu sorriso era o mais espontâneo e sua participação sempre divertida. (COELHO, 1997, p. 20).

Nesse caso, o narrador deverá escolher a história com bom senso, observando as peculiaridades da criança, seu estado emocional, evitando sempre tocar em algum assunto delicado que a aflige. A autora ainda diz que essas crianças especiais precisam ouvir histórias que acionem a sua imaginação com suavidade. Os deficientes visuais, segundo a autora, são ótimos ouvintes. Quando sorriem, na verdade dão gargalhadas, expressam-se com entusiasmo. As histórias para eles devem conter muito som e ritmo. Já no caso de crianças com deficiência mental, a narrativa deve ser adequada à sua idade mental.

### **2.3 – Técnicas de contação de histórias**

Muito importante para o contador de histórias, depois de feito um bom planejamento e a escolha da história certa para tal ocasião, é conhecer algumas técnicas que poderão auxiliá-lo nesta atividade. Existem vários recursos ou formas que podem ser utilizados na apresentação de histórias, como por exemplo: simples

narrativa, uso do livro, gravuras, flanelógrafo, desenhos, com interferências do narrador e dos ouvintes, etc.

Cada apresentação tem vantagens especiais, corresponde a determinados objetivos e saber escolher o recurso é fundamental. As formas de apresentação devem ser alternadas e definidas dependendo do local e das circunstâncias. (COELHO, 1997, p. 46).

Como exposto pela autora, cada recurso tem suas vantagens e, dependendo do objetivo a ser alcançado, do local e das circunstâncias, cabe ao narrador escolher o melhor para a ocasião, ou seja, para cada situação um recurso.

A simples narrativa, por exemplo, é a mais antiga e tradicional forma de contar histórias. Não requer nenhum acessório e se dá por meio da voz do narrador, de sua postura, de sua expressão corporal, de seu conhecimento da história. Este recurso só deve ser utilizado quando o narrador tem total conhecimento da história, pois requer muito conhecimento, jogo de cintura e concentração.

Narrar uma história recorrendo apenas à memória e aos recursos dramáticos da voz é, sem dúvida, o que mais desafia o educador. Por outro lado, é também o que mais fascina tanto o narrador como a plateia. (DOHME, 2003, p. 28).

Existem textos que não dispensam a apresentação do livro, pois nestes casos, a ilustração os complementa. Existem livros que possuem ilustrações tão ricas quanto o texto, às vezes até mais. Algumas histórias precisam ser contadas mostrando-se as ilustrações para os ouvintes. Esse tipo de apresentação incentiva o gosto pela leitura além de desenvolver a sequência lógica do pensamento infantil.

Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (COELHO, 1997, p. 33).

Existem outros casos em que o uso de livros ou revistas não é recomendado. Nestas situações, de acordo com Coelho (1997, p. 38):

Aconselha-se então o uso de gravuras reproduzidas. As imagens indispensáveis podem ser ampliadas em cartolina, que é um papel resistente, sendo possível também preparar o material mediante colagem.

Alguns livros são muito pequenos e as ilustrações não possuem ligação cronológica com o texto, são colocadas aleatoriamente de forma não sequencial,

podendo atrapalhar a linha de pensamento e raciocínio, principalmente de crianças pequenas. Algumas revistas publicam histórias ao lado de outras matérias, atrapalhando, muitas vezes, o entendimento do texto pelos pequenos. A autora, então, recomenda recortar as figuras principais da história e ampliá-las em papel camurça colorido, fazendo a montagem em cartolina.

Há histórias em que as personagens entram e saem de cena, movimentam-se todo o tempo durante a narrativa. Nessas situações é recomendado o uso do flanelógrafo.

O flanelógrafo é um quadro de forma retangular em madeira, compensado ou papelão grosso, com uma face coberta de flanela de cor clara, azul de preferência, porque servirá de cenário. (COELHO, 1997, p. 40).

As figuras podem ser feitas em flanela, feltro ou papel-camurça. No verso, são colados pequenos pedaços de lixa que permitem aderência com a flanela do quadro principal. Este recurso é muito interessante quando a história contada é mais dinâmica, além de prender a atenção dos ouvintes.

Há, ainda, outras histórias que podem ser contadas com a participação dos ouvintes, com a interferência do narrador e das crianças. O narrador, nessas situações, deve ser bastante criativo e saber utilizar bem este recurso, de forma a deixar a narrativa mais atraente para o público.

Existem muitas outras formas de narrar uma história. Tudo vai depender da criatividade do contador. Todos os recursos citados têm suas vantagens. Como dito antes, dependendo da situação, cabe ao narrador escolher a melhor maneira de contar uma história, ou seja, para cada situação, um recurso.

## 2.4 - Dicas importantes para contação de histórias

De acordo com Dohme (2003), algumas dicas podem ajudar o educador a se preparar melhor para contar histórias, conforme mostrado na tabela a seguir:

**Tabela 2 - Dicas de preparação para contar histórias**

Conversa informal	É útil, antes da narração propriamente dita, iniciar com um bate-papo informal. Isto evitará interrupções e constrangimentos. Por exemplo: Vou contar uma história sobre uma fazenda. Alguém já esteve em uma? Isto evitara interrupções do tipo: Quando eu fui à fazenda do meu tio... Quando eu tomei o trem para... Esta conversa também identifica se a história poderá ferir alguma sensibilidade. Sendo este o caso, poderá ser suspensa a tempo.
Disposição	Os ouvintes deverão sentar-se em círculo. O narrador deverá fazer parte deste círculo, sentando-se junto com os ouvintes. No caso de ser um orador que gosta de gesticular e dramatizar, poderá ficar ajoelhado, pois desta forma terá mais domínio de seus movimentos, e afastado cerca de meio metro das crianças que estão ao seu lado. E absolutamente desaconselhável ficar em pé quando a plateia está sentada no chão ou vice-versa: ficar sentado quando a plateia está em pé. Conforme o domínio que o narrador tem de sua plateia, ele poderá permanecer em pé quando os ouvintes estiverem sentados em cadeiras.
Local	A escolha do local é fundamental para o sucesso da narrativa. Ele deve ser calmo e permitir que as pessoas fiquem bem acomodadas. Não se deve concorrer com outros ruídos ou com outras "atrações", por exemplo: ruídos de trânsito, pessoas conversando, pessoas passando. As crianças têm um poder de concentração muito pequeno e qualquer fato fora do normal desviará a atenção, ficando difícil para o narrador retomar o fio condutor da história.
Horário	É interessante ser usada após um jogo movimentado, pois a energia estará mais descarregada e a atenção será maior. É conveniente não utilizar o recurso de contar histórias após as refeições e tarde da noite: a atenção poderá ser pequena e o sono... inevitável!
Interrupções	É raro ocorrerem interrupções se a história for bem contada, mas se existirem casos... É conveniente não interromper a narração de forma alguma. Um gesto, um sorriso, no máximo uma palavra deverá brevar o ouvinte mais inquieto. E, para finalizar, um segredo: para uma boa narração é preciso absoluta segurança e naturalidade, e isto só consegue quem está perfeitamente entrosado com o assunto, domina a técnica e está convenientemente preparado para contá-la.

Fonte: DOHME (2003)

Conforme observado na tabela acima, e já visto anteriormente, um bom planejamento e preparação são sempre importantes, pois evitam vários incômodos durante a apresentação de uma história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu analisar a importância que a contação de histórias tem para a construção do conhecimento da criança na Educação Infantil, tendo em vista a necessidade, hoje em dia, de se implementar em sala de aula um método complementar de ensino que contribua de forma significativa para o aprendizado do aluno.

A contação de histórias, além de incentivar a socialização da criança, melhora o relacionamento entre o professor e o aluno. A história, quando bem contada, instiga a criança a procurar mais conhecimento através do hábito da leitura. A leitura, como uma ótima fonte de prazer e lazer, expande a mente da criança, estimula a sua imaginação, fazendo-a pensar por si só, além de melhorar o seu vocabulário e sua oralidade. Mas para se obter todos estes benefícios, é necessário que a criança seja estimulada a ler desde pequena. Como se sabe, devido à falta de seriedade com que o Governo trata a educação em nosso país, muitas crianças ainda não sabem ler, muito menos escrever.

Dependendo da idade, a criança tem necessidades e curiosidades diferentes, então não se pode contar uma história de adulto para crianças. Pelo fato dela não ter a mesma experiência de vida, não entenderá a história, ficará desinteressada, além de confusa. Para cada idade deve-se contar um tipo de história e, para cada situação, um tipo de recurso deverá ser utilizado. O professor, como agente de mudanças na vida do aluno, é o responsável por conhecer as necessidades de cada de aluno e equilibrar isso. Saber adequar a história à capacidade mental da criança é papel do educador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil – Gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394compilado.htm)>. Acesso em: 26/05/2018.

COELHO, Betty. **Contar histórias – Uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Brasília, 1998. V. 3.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

DIANA, Daniela. **O que é literatura?** Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>. Acesso em: 22 out. 2018.

DOHME, Vania D'angelo. **Técnicas de contar histórias para os pais contarem aos filhos**. São Paulo: Editora Informal, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio. O dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Editora Quiron, 1981.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Editora Global, 2003.

STEIN, Thaís. **Texto literário e não-literário**. Diferença, 2018. Disponível em: <https://www.diferenca.com/texto-literario-e-texto-nao-literario/>. Acesso em: 22 out. 2018.

Wikipédia. Literatura. Wikipédia, 2018. Disponível em:  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura>. Acesso em: 22 out. 2018.